

Gazeta Medica da Bahia

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno XXIX

Maio 1898

Numero II

A MORPHÉA

Extracto da conferencia scientifica internacional sobre a morphéa, realizada em Berlim em Outubro de 1897

3.^a SESSÃO

Continuação da pag. 449

Papel da herança

Von Düring (de Constantinopla): entende que na morphéa como na syphilis e na tuberculose, não se póde mais admittir a hereditariedade.

A morphéa, como a syphilis e a tuberculose, só podem transmittir-se por contagio congenital. Esta proposição poderá parecer como cousa de nonada; mas julga convenientemente insistir n'este ponto, porque ainda ouve fallar muitas vezes de herança atavica na pathologia. O apparecimento de uma molestia em um ramo remoto da familia não póde ser interpretado como herança.

Em Constantinopla ha 4 raças vivendo vida á parte: os turcos, os armenios, os gregos e os hespanhóes. Diz que os casos de lepra que se *manifestam em Constantinopla*, occorrem só entre os chamados hespanhóes, descendentes dos judeus hespanhóes, que para lá immigraram quando perseguidos em 1492 pelo governo de Fernando o Catholico.

Os demais doentes de lepra vem em geral do interior. E porque? Quando um turco ou grego é atacado de lepra, é immediatamente isolado; os turcos, na *Mikui-Hanes*, e os gregos, nos Lazaretos (*Leprocherien*), razão porque não

se observam hoje casos de lepra nessas populações de Constantinopla.

Os casos de lepra dos turcos, gregos e armenios em Constantinopla são todos de immigrants que vêm do interior, etc. Observou um caso de lepra em uma menina que vivera com uma familia judia, onde havia tratado de leprosos.

Cita outro caso de transmissão da lepra de uma mulher ao marido.

Para prova de quanto os cuidados da limpeza impedem a propagação da lepra, cita o facto seguinte: nos asylos destinados ao isolamento dos leprosos turcos podem estes ser acompanhados por suas mulheres, e nunca teve occasião de observar a transmissão da morphéa a mulheres sans. O turco é um povo muito cioso da limpeza. Os judeus, que vivem na maior promiscuidade, e não têm os mesmos cuidados de limpeza, e não consentem em separar-se dos membros da familia, são os unicos flagellados pela lepra em Constantinopla.

Cita ainda o interessante caso seguinte, que teve occasião de mostrar recentemente ao seu collega Ehlers em Constantinopla: um casal cuja mulher soffre de lepra ha 12 annos, teve 4 filhos; o mais velho, de 18 annos, nada tem, o segundo de 14 annos é suspeito; o terceiro de 10 annos, está manifestamente morphético; o quarto de 7 annos; ainda mais.

Olaya Laverde (de Soccorro, na Columbia): cita uma observação feita ha algum tempo na Columbia, que falla a favor do contagio da morphéa: do departamento de Antioquia, que por muitos annos passava por offerecer immuniidade contra a morphéa, foi um habitante de mudança para Cundinamarca, onde viveu dez annos; passados aquelles voltou para Antioquia atacado de morphéa.

Tres annos depois, sua filha mais velha ficou morphética; a um amigo da casa, succedeu o mesmo; 3 villas visinhas começaram a apresentar numerosos casos de morphéa, sendo que esse fóco recente conta actualmente 40 leprosos no minimo.

Em Santander deu-se um factó analogo a este.

Milaftsis (de Athenas): Diz que de um inquerito cuidadoso a que procedeu, ficou-lhe a convicção de que a morphéa se transmite tanto por contagio como por herança.

Virchow: Diz que o tom da discussão já vae se tornando dogmatico e aconselha que se deixe como questão aberta a hereditariedade da morphéa.

Quanto ao contagio está delle convencido, ainda que não tenha sido possível colher delle a prova experimental.

Dyer (de Nova Orleans): diz que a morphéa existe na Luisiana desde 1783, onde se manifesta em todas as raças, classes e profissões. Nos 300 casos que conheceu, não existe um só exemplo de herança.

Sachs (de Beiruth:) diz que está convencido de que a lepra se transmite por herança.

Neumann (Vienna): E' de opinião que a lepra é sempre uma bacillose. Essa molestia foi muito frequente na Austria por occasião das cruzadas, sendo que em 1293 houve mesmo um lazareto de isolamento em Vienna.

Na Bosnia — observou casos de transmissão da molestia, em uma familia, na qual entrou como creado um morphético do Montenegro. No fim de algum tempo, uma pessoa da familia ficou morphética, e a molestia propagou se depois a outras.

Admitte que na morphéa, como na tuberculose a herança represente certo papel.

Kübler (de Berlim): pronuncia-se pelo contagio e

acredita que a herança, quando muito, tem nella papel muito modesto. Não conhece caso algum de filho de paes morphéticos, que, removido da companhia dos paes logo após o nascimento, tenha ficado morphético. Pode citar um caso positivo de contagio. Em *Tarwast* (na Russia) existe um individuo residente com sua familia em uma propriedade onde jámais houve lepra.— casou uma filha em *Tarwast*, e esta foi alli residir com a familia do marido, na qual havia um leproso; 3 filhos d'este casal foram atacados de morphéa. Uma irmã do dono da propriedade, vindo passar algum tempo com os parentes de *Tarwast*, onde dormia com as creanças morpheticas, em seu regresso á propriedade, até então immune, ficou morphética, e transmittiu a molestia a outras pessoas.

Sauton (de Pariz): Cita os casos do padre *Damien* e de muitos religiosos que ficaram leprosos no Hawai, onde foram cuidar dos morphéticos do valle do Molokai, nada podendo dizer de positivo sobre a hereditariedade.

Lassar (de Berlim): A proposito do padre *Damien*, que publicou o livro intitulado (*E' a lepra heriditaria?*) uma pessoa de Honolúlu referiu-lhe que aquelle padre tinha horror á agua, vivia na maior promiscuidade com os morpheticos, e até comia nas mesmas vasilhas.

No que respeita ao contagio, as experiencias sobre a syphilis são precisas; quanto ao contagio da morphéa ainda ha mysterios que não tem sido possivel esclarecer.

Alvares (Honolúlu): diz que acredita que a morphéa se propaga por contagio e não por herança. No Hawai não havia morphéa até o anno de 1844, em que esta molestia foi alli importada com os coolies, sendo o primeiro caso observado por Baldevin em 1850— Em 1867 a molestia já se havia disseminado entre os indigenas com tamanha rapidez, que levou o governo a decretar a lei do isolamento dos morphéticos no valle de Molokai.

O facto de haver a morphéa feito tão rapidos progressos no Hawai, dentro de 15 annos, falla eloquentemente a favor do contagio.

Nunca teve occasião de observar no Hawai uma só creança que nascesse morphetica; o morphetico de mais tenra idade que lhe foi dado observar tinha 3 1/2 annos.

Entre os 2000 inglezes e americanos do Hawai, cerca de 20 ficaram morpheticos (1 %) entre os quaes 3 padres.

Os indigenas têm habitos que favorecem o contagio, entre os quaes o chamado cachimbo de familia, que alternativamente passa pela bocca das pessoas da familia e dos amigos. Os morpheticos do Hawai, em regra, não tem filhos.

Armauer Hansen: Diz que suppõe ter demonstrado praticamente que a morphéa se transmite exclusivamente por contagio; a experiencia que Kúblér pensa não haver sido feita, está sendo realisada na Noruega e com os emigrantes da Noruega na America do Norte.

Para *Bergen* emigraram muitas pessoas que poderiam herdar a morphéa, pois todos os trabalhadores de Bergen procedem dos districtos contaminados pela morphéa.

No começo do anno de 1870, eu verifiquei que os morpheticos alli tratados, tinham nada menos de 500 parentes na cidade, nenhum dos quaes ficou morphetico. Se toda essa gente tivesse permanecido entre os morpheticos, certamente alguns delles teriam adquirido a molestia, pelo que é licito concluir que a morphéa não é hereditaria.

O mesmo acontece com os emigrantes que foram para a America do Norte, onde pude tirar a limpo, até aos bisnetos dos descendentes dos emigrantes [dos districtos

contaminados pela morphéa, na Noruega, que nem um só delles ficou morphetico,

Alvares (de Honolúlu): Diz que o diagnostico da morphéa é da maior importancia no Hawai, porquanto esse diagnostico é alli synonymo de desterro em Molokai.

Para tal diagnostico entende ser absolutamente indispensavel o reconhecimento da presença do *bacilloes lepru* para o que emprega um processo que lhe parece muito efficaz e expedito, a saber: toma um fragmento do tecido suspeito, lava-o em solução salina normal, e tritura-o em um almófariz com certa quantidade da dita solução, até transformal-o em uma mixtura homogenea, de que deita tenue camada numa laminula; deixa-a secçar e depois colóra pelos processos conhecidos.

Em vez do processo da trituração, pode-se igualmente desagregar o tecido pela cocção ou digestão artificial, que não destroe os bacillos.

Neisser (de Brelau): apresenta a seguinte proposta:

Os membros da conferencia da lepra, reunidos em Berlim em Outubro de 1897 resolvem a publicação de uma obra comprehendendo todas as questões relativas á morphéa, a saber: a historia, disseminação geographica, etiologia, anatomia pathologica, e histologica, clinica, prophylaxia e therapeutica da morphéa. Cada capitulo será tratado segundo um plano previamente assentado, por uma autoridade para tal fim designada, ou mais de uma no caso de haver sobre a materia divergencia de opiniões.

A conferencia elegerá uma commissão de redacção de 7 membros, a qual distribuirá a materia e presidirá á impressão dos trabalhos, julgará da conveniencia ou não da publicação das contribuições que lhe forem dirigidas.

Esta publicação será realizada no correr do anno 1900,

devendo os trabalhos ser escriptos em Allemão, Inglez ou Francez.

Os governos que adheriram á conferencia, contribuirão com uma quota para a referida publicação, que será exposta á venda. A commissão distribuirá equitativamente o serviço entre os seus membros. »

De accordo com Besnier propõe uma modificação á sua proposta, a saber:

« 1.º Fundação de uma liga internacional com o titulo de Sociedade contra a lepra;

2.º A fundação de um jornal, que publique todos os trabalhos, relatorios e boletins officiaes dos governos, sobre a morphéa.

3.º Amplia a commissão a que se refere na primeira proposta relativa á publicação da obra sobre a morphéa, que passará a ser de 45 membros em vez de sete. »

Glück (de Sarovejo): Exhibe as seguintes preparações:

1.º Córtes microscopicos mostrando as alterações de phlebite morphetica e a posição intra-cellular dos bacillos.

2.º 8 larynges de morpheticos, apresentando notavel atrophia da mucosa e dos demais tecidos.

3.º Lesões osseas do cranio, onde se vê que o tecido osseo está rarefeito, e apresenta necroses punctiformes, sem reacção apparente; o mesmo se observa na cartilagem epiglótica.

Babes demonstra por projecções as seguintes preparações:

1.º Bacillos no interior das cellulas ganglionares dos ganglios espinaes, apparentemente são ou endurecidos.

2.º Cellulas leprosas dos ganglios lymphaticos, do figado e do baço.

3.º Formas actinomiceticos do tuberculo bacillar nos differentes estados do seu desenvolvimento.

4.º Alterações morpheticas do bico do seio.

5.º Bacillos da lepra no canal da glandula mammaria, penetrando na membrana propria.

6.º Tuberculos de morphéa, em forma de verrugas callosas, mostrando a immigração dos bacillos em direcção á camada epithelial da pelle, em cujas cellulas epitheliaes penetram, indo occupar o espaço perinuclear.

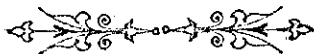
7.º Bacillos em ovarios aparentemente sãos.

8.º Bacillos no endothelio dos vasos renaes.

9.º Bacillos nas cellulas dos cornos anteriores da medulla.

H. Grünfeld (de Rostow sobre o Don): faz a demonstração de 100 photographias de morpheticos cosacos do districto do Don, e de uma carta geographica, e exhibe o serum preparado pela fabrica de E. Merk, de Darmstadt, a seu pedido, segundo o processo do Dr. Carrasquilla, da Columbia, que acaba de receber, e vae empregar brevemente em Don.

(*Continúa.*)



Para a historia da lepra no Brasil

Do *Archivo do Districto Federal*, (*) precioso repositório de documentos historicos que ha quatro annos está sendo publicado sob a intelligente direcção do Dr. Mello Moraes Filho, trasladamos a Ordem Regia de 27 de Abril de 1744, *sobre o que se deve praticar com os Lazaros*.

Esta ordem, dirigida ao Capitão-General Governador do Rio de Janeiro, acompanha o parecer de uma commissão medica, datado de Lisboa em 17 de Janeiro de 1741, no qual estão exaradas as regras de tratamento medico e hygienico da lepra e as providencias a adoptar no estabelecimento de um Lazareto para isolamento voluntario ou compulsorio dos leprosos de qualquer categoria ou posição social que sejam.

E' interessante este documento em mais de um sentido; basêa as suas instrucções e conselhos sobre o principio fundamental de ser contagiosa e incuravel a lepra confirmada, e contém medidas hygienicas ainda hoje adoptadas na situação e regimen dos estabelecimentos destinados aos morpheticos.

Por outro lado, é um curioso especimen da physiologia e pathologia nebulosas da epoca, dos conceitos extravagantes derivados de doutrinas dogmaticas e pretenciosas, conjuncto informe de conhecimentos phantasticos em theoria, e absurdos e ridiculos na pratica, ainda que perdoaveis, attento o meio scientifico daquelles tempos. Ahi se faz tambem uma ostentação filauciosa, então muito commum, do soberano desprezo com que estes medicos da cõrte, investidos de cargos officiaes, tratavam os pobres cirurgiões, a quem não duvidavam collocar ao nivel dos barbeiros vulgares e sangradores,

(*) N.º de Agosto, de 1897.
Anno V Série XXIX Vol.

ou mesmo abaixo, com o qualificativo afrontoso de—
perniciosa peste da Republica.

Damos na sua integra este documento, alterando-lhe apenas a quasi boçal orthographia, devidamente respeitada pelo *Archivo*, naquillo que nos pareceu visivel erro de copias successivas, ou manifesta ignorancia dos copistas primitivos.

Sobre o que se deve praticar com os Lazaros a respeito da informação dos Medicos da Côrte

Dom João por graça de D'os Rey de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em África, Senhor de Guiné, etc. Faço saber a vós Governador e Capitam General da Capitania do Ryo de Janeiro, que se vio o que respondestes á ordem que vos foy sobre o Lazareto, que a Camara dessa Cidade representou era preciso erigir-se nella, representando-me que vos informareis com o Medico dessa Praça Euzebio Ferreira, mui perito e experiente, o qual considerando no mal da Lepra respondera não ser por ora necessaria a dita obra, pela pouca quantidade de doentes que havia nessa Cidade desse achaque, pelo que deixareis ao presente de dar providencia alguma, a que não faltareis sendo preciso o dito Lazareto; o que sendo visto Me pareceu mandar-vos remetter a copia incluza do papel que fizeram os Medicos que mandei ouvir nesta Cidade sobre esta infirmitade.

El Rey Nosso Senhor o mandou pelo Dezembargador Rafael Pires Pardino, Thomé Joaquim da Costa Corte Real, Conselheiros do seu Conselho Ultramarino; e se passou por duas vias. Caetano Ricardo da Silva a fez em Lisboa a vinte e nove de abril de mil sete centos quarenta e quatro. O Secretario Manoel Caetano de Lavre a fez escrever. Rafael Pires Pardino, Thomé Joaquim da Costa Corte Real. Por despacho do Conselho Ultramarino

de vinte e sete de Abril de mil setecentos quarenta e quatro.

Copia de que a ordem supra fas mençam

Senhor. Por avizo feito pelo secretario do Conselho Ultramarino, fomos chamados de ordem de Vossa Magestade para conferir e assentar no que nos parece melhor, tanto para a precaução como para a cura da lepra que se padece na Capitania do Rio de Janeiro, onde já se conta um grande numero destes doentes, com perigo quasi certo de se communicar mais este contagio. Ouvida a relação, e assentando em que é Lepra em menos ou mayor grão, e que esta differença só fas que seja mais ou menos contagiosa, porem que igualmente obrigá assim a Cura, como a cautella, ajustamos que a principal Cura, e totalmente precisa nos termos presentes, era a precautoria, e que esta se devia aos saons e aos já infermos, mas ainda aos principios desta horrivel enfermidade; aos saons se lhes devia aconselhar hum regimento frio e humido, uzando de alimentos e bebidas destas qualidades, e fogindo daquelles que as tem contrarias, como são as carnes salgadas, as que se cozem e temperam com muitas especia-rias, as bebidas de agoardente, vinho, xicolate, café e semelhantes, mettendo-se em agoa muitas vezes e não fazendo excessos em outros exercicios que podem requeimar o sangue, e dar ocaziam, que se gerem muitas partes tartareas, e se consumão as liquidas em que aquellas se devião dissolver, e com que se devião temperar para não serem tantas, tam acres e corrozivas, que façam aquella formidavel ofensa detidas naquelle ondê se fazem em-crustas, escamozas e duras, e outras vezes com muitos e deseguaes tumores, que sendo na cara certificam de ter chegado á queixa a mayor grão, e fás os doentes dignos de toda a compaixão pelo que padecem, mas ao mesmo

tempo incapazes absolutamente de todo o tratô civil e comunicação das gentes; e os saons devem quanto lhes for possível evitar este tratamento e esta comunicação para se não offenderem da mesma queixa, que suposto possa gerar-se na mesma pessoa que a tem, e assim talvez succederia no principio, já hoje não ha duvida que he contagio, e que de huns se vay participando a outros, o que succederá com mais facilidade achando dispoziçoens nos sujeitos, semelhança nos humores, analogia nos espiritos, e até para isto concorrido os remedios de que quazi todos uzão em qualqner queixa curando-se sem ordem e sem methodo por Cirurgioens mettidos a Medicos, e ignorantes ainda da mesma Cirurgia, de que a mayor parte não são examinados, e neste numero estão quazi todos os que embarcam nas Nãos de Comercio, e tambem nas de Vossa Magestade, o que tudo resulta em prejaizo gravissimo tanto daquelles povos como dos mais Vassallos de Vossa Magestade, que vam embarcados e entregues a hum Barbeiro de cortina na porta, que tudo reputa por galico e não sabem mais que dar muita purga, muitos vomitorios, muita agoa de salsa e muito azougue, e se os doentes não sarão he porque foi pouco, e sem reparo, nem consciencia, repetem outra e outra cura com gravissimo damno dos mesmos doentes, como aqui temos visto em muitos e muitos deixando-lhes os humores e os corpos mais destituidos, mais torrados, e as partes solidas tam duras, e tam secas que ficão inflexiveis, e por consequencia mais dispostas para se lhes comunicar este shorrivel contagio; e esta cauza deve ser tam attendivel como as outras ou ainda mais, pois desta perniciosa peste da Republica rezultão não só as dispoziçoens para este mal mas ainda para outros, ainda què não contagiozes, e se deve mandar prohibir com graves penas que se não intromettam a curar como se fossem Medicos.

Os que se conhecerem já offendidos desta queixa devem precaver-se, e devem curar-se com remedios frios e humidos depois de alguas sangrias, e sem remedios purgativos, se forem magros e secos, e com muito leite, muita tizana de cevada e de centeyo, muita amendoada feitas na mesma agoa de cevada, com raizes de malva, chicoria, almeirão, lingua de vaca, serralha e semelhantes, e com muitos banhos de rio doce, que serão os melhores, e depois de muito humedecidos poderão tomar caldos de viboras ou de outras serpentes, ou uzar dos pós viperinos, de sal de viboras em quantidade determinada por Medico assistente; e estes remedios se poderão continuar quinze ou vinte dias e ao depois tornando aos primeiros por outro tanto tempo se poderão repetir com utilidade dos enfermos, e por este modo se poderão precaver de mayor damno e talvez curar do que já tiverem se for no principio e antes que se possa dizer Lepra Confirmada ou Elefantiaca; porque estando já neste gráo não ha que precaver nem que curar, pois não admite cura alguma, e só se devem conservar com bom regimento o tempo que for possivel.

O principal remedio para a cautella dos não offendidos, e para mayor comodidade dos queixosos he o apartalos do concurso das gentes: não devem ser lançados fora das Cidades como se fazia antigamente pelo perigo de que no interior do certam possão comunicar o mesmo contagio de que se procura fogir nas villas e mais povoações; antes para que não possão retirar-se e fogir por conservarem a liberdade na soltura, será conveniente que o Medico e Cirurgião daquella Capitania a quem se der a incumbencia de Medico da saude tenha autoridade de mandar prender qualquer pessoa que encontrar ferida do mesmo mal e de o meter no Lazareto, e depois dar parte ao Governador ou a quem tocar o governo do mesmo

Hospital ou Lazareto; e se for pessoa de distincção com que o Medico se não atreva, dará conta em segredo para que o doente se não esconda e fuja; e para que seus Senhores os não occultem porque lhe importará mais a perda particular do que a offença publica, se porão penas graves a qualquer escravo que se não manifestar e ao Senhor que o esconder.

Somos de parecer que para este fim se façam Lazaretos com a brevidade possivel e com a separação precisa, não só de mulheres e homens, como se manda no regimento do hospital de Lazaros desta Cidade, mas de escravos e livres, e de ricos e pobres; e os ricos que se não quizerem curar á sua custa e retirar do consorcio das gentes por sua vontade, se lhes faça por fora regulando como pobre, de que se não queixará com razão; como adverte o Procurador da Fazenda.

Deve advertir-se aos Medicos e Cirurgiões de saúde, e tambem aos mais daquella Capitania que não tenham todos por Leprosos logo que lhes virem offensas cutaneas, mas que lhe fação os exames necessarios para os julgarem taes, e assentando que o são os recolhão.

Deve se prohibir com penas graves que os Cirurgiões curem os galicados que tiverem estas offensas cutaneas sem presença de Medico, porque muitas não serão nascidas de contagio galico, e com os remedios applicados para este sem as cautellas e advertencias precisas, e que o Medico mais deve saber que o Cirurgião, se farão os enfermos Leprosos quando se querião curar de galico.

Não duvidamos que haja muitas sarnas galicas, e por consequencia tambem poderá haver Lepra com a mesma qualidade, mas como os Cirurgiões as não poderão curar com acerto, e para isto he preciso conselho e Medico, sem o qual se lhe deve reputar por culpa grave, não obstante o abuzo em que estão de curarem estes doentes

sempre com os mesmos remedios, e sempre com o mesmo methodo devendo ceariar-se huma e outra couza conforme os sogeitos, as occasiões e mais circumstancias attendiveis. E porque não devem merecer mayor attenção os Vassallos da America do que merecem os do Reyno quando a real clemencia de Vossa Magestade para todos he igual, será justo que se acautelem tambem estes, ordenando-se com alguma pena, que nenhum capitão traga no seu navio pessoa suspeita deste contagio, não só para se evitar que se comunique aos do mesmo navio, mas para que estes inficionados, e o mesmo já offendido não venham offender as suas familias, e destas se participe a outras com ruina certa e remedio duvidoso no principio e fallivel quando estiver muito adiantado.

Tambem devemos advertir que quando chegar alguma embarcação de pretos, ou seja da Costa da Mina ou de Angola, sejam vistos e muito bem examinados, porquanto os alimentos e o biscoito que lhes dão a comer, da ouca agoa que lhes permittiem, e o logar em que os levam juntos e amontoados, com pouca ou nenhuma limpeza são causa de que ordinariamente chegam com sarnas, bostellas e outras offensas da pelle, disposiçoens certas para receber ou gerar este contagio; e ao menos quando estas sarnas forem mayores será razão que se uze com elles de alguma cautela, que se mandem metter em agoa corrente, e se lhes ordene e aos Senhores que lhes não permittam alimentos salgados, nem bebidas quentes.

Será muito necessario que se fação os Lazaretos em sitio de bom ar, que fiquem expostos aos ventos mais sadios daquelle terra; que tenham bastante agoa não só para os usos e limpeza quotidiana e ordinaria, mas para os banhos que devem tomar sempre, ou como cura actual, ou como remedio que os conserve ainda que os não cure inteiramente. Deve-se lhes estabelecer sustento

capaz de os conservar, no qual não devem entrar alimentos salgados, peixes, fructas quentes, bebidas generosas e semelhantes; e se deve prohibir com graves penas que lhas mandem de fóra.

No mais governo economicó que deve haver nos ditos Lazaretos não devemos falar, porque nos não toca, esó devemos recomendar muito a comunicação com os que não estiverem recolhidos nos mesmos Lazaretos.

Este he o nosso parecer. Vossa Magestadeorde nará o que for servido.

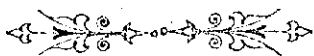
Lisboa vinte e sete de Janeiro de mil e sete centos quarenta e hum.

O Phísico mor Doutor Cypriano de Pina Pestana

O Cirurgião mor Doutor Francisco Teyxeira Torres.

O Doutor José Rodrigues Froes.

Manoel Caetano Lopes de Lavre.



SUBSIDIO AO ESTUDO DAS MYASIS

● BERNE

Uma nova phase no estudo do berne

PELO

Dr. Pedro S. de Magalhães

A historia natural das *Dermatobias* entrou em novo periodo de elucidação, bem merecendo especial noticia.

Muito conhecida enle nós com o nome de *Berne* é a larva de um insecto, vivendo vida parasitaria, cuticola, atacando o homem e varias especies de animaes domesticos, taes como, bois, cães. porcos, burros, e ainda alguns outros animaes selvagens, como macacos, etc.

Se no homem as consequencias produzidas pela larva parasita constituem affecção mais incommoda do que

grave, entretanto a frequencia desta parasitose em nosso paiz a torna muito merecedora de particular attenção.

Na industria pastoril o insecto representa o papel de verdadeira praga em certas zonas, e se não fôra a nossa proverbial apathia, seguramente o emprego de meios adequados a preservar o gado de tão perfido quão certo inimigo já estaria systematicamente em uso. Não é somente molestando a victima que mostra-se elle nocivo, perfurando-lhe a pelle, muito de preferencia em pontos proximos á região dorsal e nos flancos; deprecia notavelmente o valor desse futuro despojo do animal, baixando assim o lucro dos creadores.

Grande responsabilidade cabe aos nossos homens especialistas nas sciencias naturaes do atrazo em que até bem pouco tempo permaneceu o estudo dos factos mais fundamentaes relativos ao nosso *Berne*.

Mas, em verdade, como não ser assim? Quão lastimavel tudo que se refere ao cultivo das Sciencias Naturaes no Brazil! Que caso se faz de tudo que a natureza espalhou a mãos largas por todo o nosso vasto territorio?

Quem duvidar dá nenhuma importancia que ligamos ao estudo da *Natureza*, procure conhecer da extrema pobreza, da miseria mesmo das nossas Bibliothecas, por exemplo, em tal assumpto; *tratados* dos mais classicos, *monographias* das mais indispensaveis, collecções de *Revistas*, de *Archivos* e *Annaes* os mais citados, *Memorias* e *Boletins* de sociedades sabias das mais activas, tudo falta a quem procura elementos de trabalho scientifico. *O que affirmo estou prompto a mostrar de modo positivo e cabal.* Não fallarei do que carecemos em relação a collecções naturaes. Se por outro lado indagarmos da perspectiva que se antolha ao naturalista nacional ou estrangeiro dedicando-se exclusivamente ás pesquisas scientificas, deparamos com o exemplo de um

Fritz Mueller, sabio apreciado pelos mais sabios, despojado por argucias burocraticas de um pequeno emprego do Museu Federal, reduzido a difficeis condições de existencia, e como compensação muito honrosa, mas materialmente insufficiente, recebendo em seu retiro em Blumenau, por occasião do seu 70º anniversario, somma resultante de collecta feita entre os sabios de quasi todas as nações cultas!

Portanto muito desculpavel que em vez de sciencia, trate-se de industrialismo e politicagem, industrialismo por excellencia.

A historia do nosso *Berne* permaneceu, diziamos, até bem pouco tempo em atrazo, mesmo em pontos fundamentaes. Com effeito, a determinação especifica do insecto adulto correspondente á larva em questão, o conhecimento exacto do diptero em seu estado perfeito, a verificação de sua identidade especifica com as larvas semelhantes observadas em outros paizes, constituíam problemas a resolver.

Sabia-se, graças a Goudot, desde 1845, que uma larva de insecto apresentando *habitos* analogos ao do nosso *Berne*, conhecida na Columbia pelo nome *Torcel*, provinha de um diptero, que elle denominou *Cuterebra noxialis*, segundo estudo de exemplar obtido por cultura experimental. O professor Frederico Brauer, em 1860, tirou o insecto descripto por Goudot do genero *Cuterebra* Clark, 1815, para novo genero por elle creado e denominado *Dermatobia*, passando a chamar-se a especie *Dermatobia noxialis*.

Larvas cutícolas, semelhantes ao nosso *Berne* eram tambem conhecidas em outros paizes americanos, onde recebiam varios nomes locaes. Por outro lado, já em 1843, Macquart havia estabelecido uma especie de *Cuterebra*, a *Cuterebra cyaniventris* para um insecto brasileiro, ao

qual muito semelhante se mostrou o descripto por Goudot, e hoje *Dermatobia cyaniventris* chamado.

Até 1863, epoca do apparecimento da monographia do Prof. Brauer sobre os *Oestrideos*, muita confusão existia sobre o assumpto. Em relação ás larvas cuticolas, especialmente ás de origem americana, os factos mantinham-se isolados, a tendencia dos observadores era de particularisar, cada um suppondo tratar de especie diversa. O ultimo trabalho mais notavel com essa orientação foi um parecer apresentado por Laboulbène e Davaine á Sociedade de Biologia de Pariz em 1860. A diversidade especifica das larvas observadas era tanto mais facil de suppôr quanto mais differentes eram as apparencias apresentadas por ellas. As novas noções firmadas pelo Prof. Brauer, o reconhecimento de *mudas* e modificações de forma soffridas pelas larvas durante seu desenvolvimento vieram dar nova orientação ás idéas, e os observadores, inclusive o proprio Laboulbène, desde então referiam os novos factos a uma especie de insectos, á *Dermatobia noxialis*.

Nesse ponto estavam as cousas quando elaborei uma memoria que sobre o assumpto publiquei em 1892.

Tendo examinado varios *Bernes*, todos de proveniencia brazileira e nelles encontrando as diversas formas suppostas outr'ora corresponderem a especies differentes, segundo as procedencias respectivas, abracei de boa mente o novo modo de considerar a questão, referindo as diversidades de formas a differenças de desenvolvimento das larvas e não a variedades especificas.

Estava o meu trabalho no prélo, em revisão de provas, quando o professor R. Blanchard, de Paris, dispensando-me um favor tão especial quão valioso, remetteu-me uma copia de trabalho seu, tambem ainda em provas, sobre identico assumpto. A minha gratidão pelo obsequio rece-

bido do sabio professor de Paris, só pode ser medida pelo contentamento que senti de achar-me habilitado a juntar, como supplemento a meu trabalho, uma noticia do estudo e conclusões do Professor Blanchard.

O interessante escripto, a que me refiro, vinha restabelecer a pluralidade de especies de larvas cuticolas americanas, podendo atacar o homem. O professor Blanchard, tendo examinado um certo numero de larvas de procedencias diversas, com espirito analytico e systematisador de verdadeiro naturalista, pôde estabelecer dados seguros e exactos em relação ao numero, direcção, situação e ordem em que se dispunham os ganchos ou espinhos existentes na superficie cuticular das larvas estudadas. Dahi a distincção de quatro grupos diversos correspondendo a quatro (ou talvez tres) especies de larvas, que, para se distinguirem, receberam os nomes usuaes, já conhecidos, de *Ver macaque*, *Berne*, *Torcel* e *Verme-Moyocuil*. A ultima especie apresentava forma quasi identica á da penultima e por isso permanecia dubia.

Essas conclusões abonadas por autoridade tão competente, bem que em completa divergencia com as minhas proprias idéas, não pôdiam deixar de ser acatadas por mim, que vejo sempre nos conceitos do sabio professor de Paris ensinamentos de verdadeiro mestre, tão douto quão talentoso. Apesar, porém, da boa vontade com que acceitei as novas doutrinas, todavia, em mais de um topico do meu trabalho, revelei a duvida que a meu pezar ainda persistia em meu espirito. Effectivamente, mesmo no supplemento alludido, dando conta do escripto do professor Blanchard, ainda perguntava eu :

« Constituirão, porém, esses appendices (os espinhos) orgãos persistentes, constantes e uniformes em seu numero, direcção e situação, durante toda a evolução larval?

Não serão elles sujeitos a caducidade, renovação e variabilidade? São questões que não me parecem definitivamente elucidadas.» (1)

Em um outro topico, mais longe (2), dizia eu: «Ao inverso do professor Blanchard, que observou numerosos exemplares de *Dermatobias* de proveniencias diversas, eu só tenho visto Bernes de uma mesma proveniencia (Rio de Janeiro e S. Paulo); as variações de forma que observei em varios especimens me levaram a sympathisar com a opinião dos que consideraram sem valor as distincções estabelecidas, segundo as tres formas conhecidas do *Ver-macaque*, do *Cuterebra-noxialis* e dos *Bernes* de configuração elliptica, com extremidades truncadas.»

E ainda, quasi ao terminar (3), apontava o facto da presença simultanea das tres principaes formas das larvas de *Dermatobias* em uma area tão circumscripta, qual é a zona geographica comprehendida pelos Estados do Rio de Janeiro, de S. Paulo e de Minas Geraes como argumento não em desfavor á hypothese da possível unidade especifica das tres variedades.

Ora, essa minha tendencia a continuar a crer ainda não de todo vencida a opinião da unidade especifica das larvas cuticolas americanas observadas no homem e nos animaes domesticos, apesar d'aquelles estudos do professor Blanchard, veio ultimamente ganhar vigoroso apoio, tornando-se mesmo hoje interpretação verdadeira da realidade: e o que é mais curioso, ao proprio professor Blanchard devemos, em grande parte, esse importante resultado. Como legitimo homem de sciencia, como apostolo da verdade, o sabio professor da Faculdade de Medicina de Paris não descançou após os resultados

(1) *Subsidio ao estudo das myases*, p. 76.

(2) *Ibidem*, pag. 81.

(3) *Ibidem*, pag. 82.

primeiros colhidos, continuou a trabalhar examinando novos exemplares de larvas que lhe foram remetidos de varios paizes. Os resultados colhidos d'esses estudos successivos foram successivamente publicados em trabalhos, completando-se e modificando se gradualmente.

Nesses estudos pode verificar seu auctor primeiramente dever abandonar a distincção das quatro e mesmo das tres especies diversas attribuidas ás larvas observadas, mantendo apenas duas especies diferentes: a do *Ver-macaque*, corresponde á *Dermatobia noxialis* Goudot, e a do *Berne* podendo talvez referir-se á *Dermatobia cyaniventris* Macquart, correlação esta ultima, porém precisando de futura verificação experimental.

Essas duas especies das formas larvaes, *Ver-macaque* e *Berne*, pareciam ao professor Blanchard irreductiveis, até o anno passado.

Só recentemente, em trabalho datado do corrente anno, publicou o sabio professor os modernos factos cuja observação levou-o a nova modificação de sua opinião, vendo agora nas duas formas de larvas modificações successivas dependentes do desenvolvimento das mesmas: o *Ver-macaque* realmente sendo um estado anterior do *Berne*.

A unidade especifica das larvas em suas varias formas retoma assim a posição perdida, recuperando seus fóros de realidade, depois de temporariamente haver sido seriamente abalada em virtude de observações, aliás minuciosas e acuradas, mas felizmente tendo levado a considerar fixos caracteres transitorios e sujeitos a transformações.

Merecem indicação especial os dados em que se firmaram as novas conclusões do professor Blanchard.

O professor A. Forel, da Universidade de Zurich, tendo acompanhado o conde R. de Dalmas em uma viagem de pesquisas zoologicas, no começo do corrente anno, á

Columbia, em suas excursões á caça de formigas, foi atacado por *Dermatobias* que lhe presentearam com seis larvas, as quaes permaneceram parasitando-lhe no corpo por mais de um mez. Em viagem de volta para a Europa, expremendo um dos pequenos tumores produzidos pelas larvas, o professor Forel fez sahir a pelle da larva contida, assim pateteando-se ter ella soffrido *muda*.

Mais tarde, das seis larvas, quatro foram extrahidas vivas, por expressão; e duas outras mortas após emprego de summo de tabaco posto sob um pedaço de *tafetá* inglez, collocado sobre o orificio das cavidades em que se albergavam os parasitas.

A narrativa do occorrido e quatro das larvas foram remettidas ao professor Blanchard que reconheceu n'ellas tres *Bernes* e um *Ver-macaque*. Este ultimo porem, achando-se em via de muda, apresentava a cuticula despegando-se, levantada por todos os lados. Esta cuticula apresentava todos os caracteres do *Ver-macaque*, por transparencia, porém, abaixo della deixava ver *espinhos* mui diversamente dispostos. Rasgando e separando a cuticula despegada, o professor Blanchard ponde melhor observar os espinhos subjacentes cuja disposição claramente se patenteava igual á que possui o *Berne*.

Uma revisão das larvas apresentando o typo *Ver-macaque* que possuia o professor Blanchard, permittiu-lhe em alguns exemplares obter resultado confirmativo á nova observação. Além disso, devolvidas as quatro larvas ao professor Forel, este, sabedor dos factos verificados, reexaminou a cuticula extrahida por expressão de um dos tumores determinados pelos parasitas, como acima foi referido, e reconheceu tambem sua identidade com as larvas em primeiro estadio.

Essas observações naturalmente tiveram como conclusão o reconhecimento da *identidade especifica* das duas

formas larvaes, constituindo os dous typos—*Ver-macaque* e *Berne* os quaes apenas representam grãos successivos do desenvolvimento do mesmo *diptero*; este em sua forma *perfeita* devendo ser referido á *Dermatobia noxialis* Goudot.

Taes importantes resultados chegaram a meu conhecimento ha poucos mezes, graças a uma amistosa remessa do professor Blanchard, e eis pouco depois, em Agosto ultimo, de minha parte, tive o prazer de conseguir nova contribuição para o complemento da historia do *Berne*.

Já ficou mencionada a cultura do Torcel obtida por Goudot, e a verificação do insecto adulto respectivo, a *Dermatobia noxialis*; mas a cultura do nosso *Berne* esperava ainda quem a fizesse e della se aproveitasse para averiguar a forma adulta correlativa. E' verdade, e disso fiz menção em minha *Memoria*, constou-me ter dado essa cultura resultado em mãos dos Drs. Julios de Moura, pae e filho; entretanto esse resultado foi perdido, não tendo sido o insecto caracterisado, nem mesmo descripto ou notado. Outros observadores tentaram em vão a desejada cultura. Eu tambem, em epocas diversas, e repetidas vezes, tentei cultivar *Bernes* de varias procedencias; ora de proveniencia humana, ora de origem bovina, ora canina. Sempre, porém, via meus esforços perdidos, minhas esperanças desilludidas.

Sõ recentemente consegui resultado positivo em o mez de Agosto ultimo. A mosca obtida, de cerca de 12 millimetros de comprimento, tem cabeça mais larga do que o thorax, a fronte muito proeminente, olhos fortemente abaulados e assaz affastados um do outro, o abdomen de côr azul ultramarinho, a parte superior do thorax acinzentada com pellos negros esparsos, a cabeça amarello pardacenta, pernas tambem amarello-pardas. As azas ainda imperfeitamente distendidas parecem indicar—ter

morrido o insecto pouco depois de ter-se libertado do involucro pupal.

Seria aqui deslocada, nem é meu proposito, pretender apresentar minuciosa enumeração dos signaes proprios a especie, sua descripção technica.

Muito de perto concordam os caracteres do diptero com a diagnose estabelecida para a *Dermatobia noxialis*.

A casca da pupa de onde sahiu esta mosca acha-se aberta obliquamente em sua parte anterior, e conservabem visiveis todos os relevos da larva de que proveio.

As saliencias e depressões, os delineamentos dos segmentos, os espinhos que existiam na superficie da larva ahi persistem nitidamente indicados; trata-se bem de um *Berne*.

A determinação especifica, a apreciação exacta e descripção technica dos caracteres deste exemplar autentico do representante adulto da nossa *Dermatobia* deve, julgo, ser confiada a especialista competente, e com esse intuito remetti os dois objectos, insecto e casca pupal respectiva, a um dos mais celebres dipterologos, actualmente o mais auctorizado em assumpto de *Oestrideos*, em particular no que pode referir-se a *Dermatobias*, o proprio creador deste genero de *Dipteros*, o citado professor Frederico Brauer.

Elle saberá tirar do estudo do exemplar resultante da minha cultura todos os elementos que possa fornecer á questão scientifica da identificação zoologica do nosso *Berne*.

Quanto ás relações de parentesco reciproco entre a *Dermatobia cyaniventris* Macquart e a *Dermatobia noxialis* Goudot, geralmente consideradas especies distinctas, já em 1866, Brauer em sua monographia as reputava muito intimas, dizendo mesmo a respeito das

duas, e referindo-se à primeira especie: — « *Esta especie em realidade difficilmente (apenas kaum) poderia ser diversa da seguinte.*

« *Viesse a ser verificado como exacto o que precede, então deveria o nome D. noxialis ser supprimido.* » (4)

Posso acrescentar que ainda recentemente, quando o anno passado, em Vienna, verbalmente recebi a confirmação do que refiro, tendo ouvido do proprio Prof. Brauer sua autorizada opinião sobre o proximo parentesco, provavel identidade especifica das duas descriptas *Dermatobias*, uma por Macquart e a outra por Goudot.

Naturalmente das duas denominações a que foi dada pelo primeiro desses dous naturalistas, sendo a mais antiga, terá de prevalecer, segundo as regras da nomenclatura zoologica, caso se confirme a identidade das duas suppostas especies.

Se, imitando o que em sua these inaugural, ha 20 annos passados, fez em relação á *Filaria Wuchereri*, illustre professor bahiano, hoje chegado ao mais alto posto da nossa organização nacional, tentasse eu dividir o estudo do *Berne* em periodos historicos, e em vez das denominações geographicas aqui incabiveis, procurasse designal-os pelas phases que percorreu a doutrina em sua evolução, admittiria quatro epocas ou periodos; o primeiro, o da *pluralidade especifica hypothetica* das larvas cuticolas americanas observadas no homem e em animaes domesticos; o *segundo periodo*, o da *unidade especifica deduzida simplesmente por analogia*, firmada principalmente nos estudos de Brauer; o *terceiro*, podendo ser denominado da *multiplicidade typica*, para não confundir-se com o primeiro e relativo ao estabe-

(4) Brauer, op. cit., pag. 266.

lecimento dos typos larvaes, diferenciados pelo Prof. Blanchard; o *quarto periodo*, o actual, constituido pelo da *unidade especifica directa e positivamente verificada* pelo mesmo Prof. Blanchard em suas recentes observações de larvas em via de *muda*, que, espero, venha receber confirmação no estudo do insecto adulto submettido ao exame do Prof. Brauer, contraprova esta decisiva da exacta solução do problema.

Em carta datada de 28 de Janeiro de 1897, o sabio professor Brauer, de Vienna, communicou-me ter verificado no exemplar, obtido de minha cultura de *Bernes*, e a elle por mim remettido, um individuo do sexo masculino, devendo ser identificado á especie *Dermatobia cyani-ventris*, Macquart.

Ulteriormente, depois disso, nos primeiros mezes de 1897, por mais duas vezes obtive resultado positivo de novas culturas de *Bernes*, de origem bovina, mas estes provenientes de uma *fazenda* situada no Estado de Minas Geraes.

Na ultima destas duas novas culturas consegui o desenvolvimento completo de varios exemplares, alguns delles, poucos, apresentando mesmo as azas em perfeito estado. Estes orgãos muito frequentemente deixam a desejar, quanto á sua integridade nos insectos obtidos de culturas artificiaes.

A correlação do *Berne* e da *Dermatobia cyani-ventris* Macquart, da qual não é elle mais do que a forma larval, parasita, fica desta arte fora de duvida. Essa questão, até ha pouco tempo, esperando elucidação, tornou-se assim definitivamente resolvida.

Acreditando aliás na unidade especifica das larvas cuticolas de *Dermatobias* até hoje estudadas, apenas devo notar que nenhuma das larvas que cultivei tinham dimensões iguaes ás de alguns *Bernes* tambem de origem

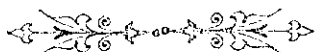
bovina, que possuo em minha collecção e provenientes de Piracicaba, em S. Paulo.

Essas larvas são de dimensões muito superiores ás que cultivei, as quaes tinham o tamanho habitual dos Bernes em maturidade.

Em ultima data chegou-me ás mãos o exemplar, que bondosamente me endereçou o sabio professor da Faculdade de Medicina de Paris, meu illustre amigo, o professor R. Blanchard, de uma recente memoria por elle publicada nos *Annales de la Société Entomologique de France* e intitulada *Contributions à l'étude des diptères parasites*.

Neste excellente trabalho muito comprehensivo e tratando do conjuncto do assumpto que lhe dá o titulo, teve a unidade especifica das larvas enticolas das Dermatobias novo apoio e confirmação em elementos que só a vasta erudição e o brilhante talento do eminente professor de Paris poderiam reunir, dando ganho de causa ao mencionado modo de julgar da questão, até ha pouco debatida.

Rio de Janeiro, Fevereiro de 1898.



PATHOLOGIA INTERTROPICAL

Serumtherapia da febre amarella

PELO

Dr. J. Smairelli

**Conferencia lida perante a Sociedade de Medicina e Cirurgia.
de São Paulo, em 8 de Março de 1898**

Senhores:

A serumtherapia constitue hodiernamente a senda a trilhar, para se attingir o tratamento especifico da febre amarella.

A esperança de se poder obter um serum dotado de propriedades simultaneamente curativas e preventivas resalta da observação pratica de dois phenomenos: a tolerancia para o virus, verificada nos que nasceram ou teem vivido por largo tempo em localidades flageladas pela febre amarella, « a aclimação », como vulgarmente se diz, e a immuidade adquirida por se ter escapado á molestia.

Este ultimo facto, seja dito de passagem, pertence á lei geral de quasi todas as molestias infecciosas.

Relativamente á *acclimação*, é obvio que se não a pode considerar nos tempos correntes como resultante de habitos physiologicos especiaes, contrahidos pela adaptação ás condições phisicas do ambiente, mas como simples phenomeno de mitridatisação ao veneno amarelligeneo, que os nossos conhecimentos actuaes permitem comprehender sem grande esforço.

A facil e rapida tolerancia pelas pequenas doses deste veneno, evidenciada pelas minhas experimentações na especie humana, dá-nos idéa approximativa do que provavelmente ocorre na natureza.

O serum destinado á preservação e tratamento da febre amarella na especie humana é obtido de animaes vaccinados contra o *bacillo icteroide*.

Póde considerar-se um bom serum therapeutico, não sómente o que se obtem do animal que supportou doses de virus amarelligeneo muitas vezes mortaes, como ainda o que resulta da inoculação de pequenas doses preventivas ou curativas da infecção amarelligena ou experimental em cobayas.

Julgo inutil explanar-me sobre a preparação deste serum: esta basêa se nos methodos e principios geraes da immunisação, e distingue-se dos demais conhecidos pela excepcional difficuldade que apresentam os animaes em tolerarem altas doses do virus amarelligeneo e de

fornecerem um serum dotado de propriedades preventivas e curativas bem apreciaveis.

Por via de regra, este resultado pode ser obtido em cavallos, depois de tratamento assiduo e intensivo por espaço de 12 a 14 mezes.

O modo de agir do serum anti-amarillico não é egual ao do anti-diphtherico.

Até hoje não me foi possivel obervar em animaes vaccinados a presença de substancias anti-toxicas, mas espero chegar a este resultado, insistindo por mais tempo na immunisação dos animaes.

Por emquanto, este serum só pôde exercer a acção efficaz quando a quantidade do veneno formado no organismo não attingir doses mortaes para o enfermo.

Como para os demais, que ainda não foram applicados com exito fóra dos laboratorios, sua acção se exerce contra os microbios e não contra as toxinas destes; é bactericida, e não anti-toxico.

O seu empregado no tratamento da febre amarella portanto, só pode ser efficaz em casos de intervenção precóce.

De facto, quando a toxina amarelligena já tem profundamente invadido o filtro renal ou systema nervoso central, como frequentemente se observa, a intervenção serumtherapica não pôde obviar as lesões já produzidas, e os seus effeitos devem ipsofacto ser considerados illusorios.

Conseguintemente, tratar um doente, quando este já apresenta delirio ou anuria manifesta, é simplesmente expor-se aos caprichos da casualidade, não podendo o resultado obtido em emergenciaes taes, deixar de ter insignificante valor no tocante á efficacia do serum contra a mólestia.

Em começo do corrente anno eu já possuia um bom

serum, bastante efficaz em animaes de laboratorio, fornecido por dois cavallos A e E, o primeiro dos quaes se achavam em tratamento ha 18 mezes e o segundo ha um anno. Além desses cavallos, possuia um boi que, apesar de ter sido tratado durante um anno, fornecia serum de actividade assaz limitada.

Desejoso de experimentar este serum na especie humana, obtive do amigo e collega dr. Seidl, director do Hospital de S. Sebastião, do Rio de Janeiro, as primeiras observações sobre a efficacia pratica do serum anti-amarellico.

O dr. Seidl em companhia dos collegas drs. Fajardo, Couto e Rocha experimentaram o serum A, que lhe havia expedido em dezembro de 1897, em 8 doentes, que apresentavam os diversos estadios e os symptomas os mais caracteristicos e complexo de febre amarella.

Destes 8 doentes, cinco estavam no 4.º dia de molestia, em condições graves, apresentando uns anuria, outros delirio. O ultimo dos cinco, comquanto em estado gravissimo, não apresentava, todavia, nem anuria nem delirio, sendo tambem o unico que se salvou, tendo recebido durante o tratamento 80 centimetros cubicos de serum em injeções.

Dos outros tres doentes submettidos ao tratamento serumtherapico no referido hospital, um estava no segundo e dois no terceiro dia de molestia, apresentando todos os symptomas principaes e bastantes graves da febre amarella, inclusive albuminuria, mas a urinação estava em condições regulares e o systema nervoso intacto.

Estes tambem se restabeleceram depois de energico tratamento serumtherapico; e dos quadros termographicos organisados pelo sr. Seidl, se observa perfeita-

mente o abaixamento da temperatura febril em seguida a cada injeção de serum.

No unico caso em que a applicação do serum foi feita no segundo dia de molestia, uma só injeção foi sufficiente para fazer baixar immediatamente a temperatura febril, animar os symptomas capitaes da infecção e fazer entrar o paciente em franca e rapida convalescença.

Estas primeiras pesquisas de orientação apresentavam uma importancia cujo valor era facil de se salientar.

Antes de tudo, dellas resaltava o que eu havia supposto com relação a inefficacia do tratamento em periodo adeantado da molestia e das lesões organicas e funcionaes; em segundo logar, incutiam-me animadoras esperanças de que, mediante intervenção precoce, poder-se-ia em muitos casos dominar o processo infeccioso.

Portanto, só faltava applicar em larga escala o serum anti-amarillico, afim de se poder ajuizar da sua efficacia e estabelecer com exactidão as suas indicações no tratamento da febre amarella.

Esta ultima parte do meu trabalho, que á primeira vista parecia facillima, bem de pressa se revestiu de toda sorte de impecilhos.

Se annexo ao meu laboratorio tivesse tido uma clinica hospitalar, onde, com toda a calma, tranquilidade e paciencia que pesquisas taes reclamam, tivesse podido experimentar a acção do meu serum em longa série de doentes, teria por certo evitado o rumor que se fez em torno do meu nome até o dia em que julguei util iniciar as minhas experimentações.

Mas, desde quando eu devia inicial-as, accedi com verdadeiro entusiasmo ao gentil convite que me fizeram as auctoridades e a classe medica do Estado de S. Paulo, e vim ao vosso encontro, no intuito exclusivo de completar com algumas observações bem colhidas, na especie

humana, os ultimos resultados das minhas pesquisas de laboratorio.

Taes pesquisas me fizeram comprehender que era chegado o momento de trilhar o campo pratico, embora ainda estivessem bem longe de me fazer considerar resolvido o problema serumtherapico de uma das mais graves molestias que affligem a humanidade.

E isto vos declarei francamente no primeiro dia que pisei o solo do vosso grandioso paiz, sobretudo porque me apercebi, pelo fraternal e inolvidavel acolhimento a mim prodigalisado, que, confiantes talvez um pouco em demasia nas minhas debeis forças, consideraveis definitivamente resolvido o que apenas representa simples aspiração do philantropo e do homem de sciencia.

Em verdade, em parte alguma encontraria campo de acção mais adaptado ás minhas primeiras tentativas serumtherapicas contra a febre amarella, do que em vossa Cidade de S. Carlos do Pinhal.

Nessa bella Cidade, uma das mais importantes do vosso Estado, que em quarenta annos de existencia tem sabido desenvolver-se, graças a um milagre de energia: actividade e prosperidade, compatíveis somente com este fecundo paiz da livre America, o typho icterico installou-se permanentemente, afugentando quasi todos os seus habitantes, que se refugiam nas cercanias da Cidade, e levando a morte aos operarios que ainda permanecem como perturbadores do triste silencio que reina pelas ruas desertas e nas casas abandonadas.

Em S. Carlos do Pinhal, como vós o sabeis, não estive só.

Forte e sincero vinculo de amisade e reconhecimento me prende para todo o sempre aos egregios collegas que constituem a commissão official da Directoria do Serviço.

Sanitario e que foram para mim de inestimavel cooperação, durante todo o tempo de minhas pesquisas.

Aos illustres Drs. Silva Pinto, Ferreira, Vieira de Mello, Mendonça, Lutz, Espinheira, Vital Brazil, Bourroni e ao Sr. Rodrigues Souza, que me prodigalisaram os thesouros do seu saber e de sua actividade, occorre-me o dever de dirigir lhes publico e caloroso agradecimento.

* * *

O serum que me propunha empregar nestas primeiras experimentações serumtherapicas provinha, como já vol-o disse, de tres animaes diversos.

O de cavallo já o havia experimentado em animaes, tendo demonstrado actividade verdadeiramente notavel.

Além disso, empreguei-o tambem no homem, injectando em meu proprio corpo, como preventivo, quando parti de Montevidéo e durante a minha estada em S. Carlos do Pinhal.

Estas injeccões, ainda mesmo praticadas em doses elevadas, demonstraram-me que o serum dos cavallos vaccinados contra a febre amarella podia ser tolerado impunemente, podendo por isso ser empregado sem perigo algum no tratamento daquella molestia.

Quanto ao serum de boi, o serum F, como communmente o chamamos, pareceu-me em minhas experiencias sobre animaes, de poder curativo mui pouco accentuado, pelo que já tinha deliberado empregar-o com as maiores reservas e só a titulo de prophylatico. Jamais tive oportunidade de ensaiar-o na especie humana.

Ao chegarmos a S. Carlos, encontramos o Hospital de Isolamento quasi desprovido de enfermos. A maioria destes, imbuidos do insensato e tradicional preconceito contra o Lazareto, preferia permanecer e morrer em suas proprias casas, a procurar as portas do hospital.

Assim, ahí encontrei apenas duas creanças, Luiz e Assunta del V., removidas de uma casa onde o pae falleceu de febre amarella.

Ambos os doentinhos apresentavam os symptomas característicos da infecção, estando Luiz no segundo e Assunta no terceiro dia de molestia.

Submettidos immediatamente ao tratamento, os resultados foram quasi immediatos: desapareceu a febre, attenuaram-se os symptomas geraes, desapareceu a albumina das urinas e as duas creanças entraram logo em franca convalescença, tendo recebido durante toda a molestia pequenas doses de serum, por isso que em Assunta apenas foram injectados 20 c. c. e em Luiz 65 c. c.

Animados pelos primeiros resultados, decidimos seguir a mesma via, isto é, tratar somente os enfermos no primeiro periodo, com o fim de obter observações fundadas na mesma base, e injectar debaixo da pelle doses moderadas de serum anti-amarillico.

Até 17 de Fevereiro tinhamos recebido mais seis doentes. Um destes, certo Raphael M., anurico e albuminurico, quando entrou para o hospital, não apresentou nenhuma melhora apreciavel. Como era de suppor-se, a anuria seguiu o seu curso e no quarto dia o doente falleceu.

Dos cinco restantes, quatro entraram em convalescença, depois de terem apresentado varios incidentes mais ou menos notaveis durante o tratamento serumtherapico, assás prolongado, vindo o ultimo a succumbir no decimo dia de molestia, em virtude de inesperada manifestação de lesões cerebraes.

Estes factos, que constituem o que chamaremos a primeira serie de nossas experimentações (2 obitos e 6 curas), não nos satisfizeram cabalmente, mas foram ricos de ensinamentos no tocante á efficacia e efeitos do trata-

mento serumtherapico applicado em pequenas doses.

Devo dizer, desde já, que estas doses me pareceram insufficientes, porquanto as primeiras injeções, não conseguindo interromper e supprimir subitamente o processo infeccioso, a molestia, depois de fugaz remissão, readquiria o seu curso, e o organismo, já preso de phenomenos toxicos, tornava-se inapto a experimentar a influencia benefica de successivas injeções do serum therapeutico.

Nos casos terminados pela cura, depois de elevação mais ou menos accentuada da temperatura, que acompanha quasi sem excepção as primeiras injeções do serum, determinando uma especie de reacção especifica e salutar, principalmente quando praticadas nas veias, a febre desaparecia para não mais voltar, e o thermometro nos dias successivos accusava apenas oscillação insignificante e fugaz.

Simultaneamente, os phenomenos do periodo de invasão declinavam e dissipavam-se, sem que se verificasse o apparecimento de accidente algum peculiar ao terceiro periodo.

A ausencia de phenomenos hemorrhagicos caracterizou de modo constante o nosso tratamento serumtherapeutico.

No tocante ás funcções urinarias, as primeiras experiencias evidenciaram um facto importante, reproduzido posteriormente em outros enfermos submettidos ás injeções do serum.

Assim, na maioria dos casos, notou-se benefica influencia sobre a secreção renal, chegando por vezes a manifestar-se verdadeiramente polyuria.

Até mesmo nos casos terminados pela morte, jamais a anuria foi completa e menos ainda precóce.

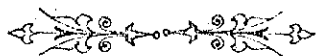
Ora, se considerarmos que na actual epidemia de

S. Carlos o symptoma dominante, precóce e fatal, em quasi todos os doentes, era representado pela anuria, evidencia-se a acção directa exercida pelo tratamento especifico sobre a complicação mais insidiosa e temivel da febre amarella.

Ainda no curso desta primeira serie de experimen- tações, á qual denominaremos «de orientação», tivemos ensejo de observar outro phenomeno que chamou a nossa attenção.

Em alguns enfermos, ou porque fosse exáltada a sua sensibilidade nervosa, ou porque as injeções sub- cutaneas fossem seguidas de mediocres melhoras, jul- gamos conveniente recorrer ás injeções intravenosas do serum.

(*Continúa.*)



Ligeiro estudo sobre o Beriberi na Marinha de Guerra do Brazil

PELO

Dr. Domingos Pedro dos Santos

Continuação da Pag. 461

O asseio corporal a bordo é de uma grande necessi- dade, porquanto, como muito bem diz o nosso collega Dr. Galdino (40), « si um homem unico pôde tornar-se centro de exhalções miasmaticas, o que não deverá succeder em uma grande reunião de individuos? Elles intoxicar-se hão mutuamente respirando o ar deteriorado pelas exhalções de seus corpos. Ninguem a bordo tem

(40) Introducção do Relatorio citado, pag. VII.

o direito de ser pouco asseiado, pois a vida em commum reclama contra toda causa que possa tornar-se deletéria.»

A Junta de Saude já citada, na 5.^a indicação dos meios aconselhados para fazer desapparecer as causas do beriberi na marinha (41) assim se exprime :

«5.^a Admittir o uso de banhos pela manhã ás praças.»

Em viagem observamos dar-se banhos salgados pela manhã; eis o que a proposito dissemos no nosso Relatorio (42) do *Benjamin Constant*:

«Faz a guarnição uso constante dos banhos sempre salgados: o que vemos? Terminados estes, não se enxugam, pois nos seus saccos não ha toalhas, e vestem a mesma roupa que tiraram, que não prima pelo aceio, porquanto não ha, em viagem, lavagem de roupa. Bem sabemos que em longas travessias e navegando a vela, não pode se deixar de recorrer aos banhos salgados, mas quizeramos que ao menos se lhes desse um pouco d'agua doce, para tirar da superficie do corpo os pequenos crystaes de sal, que pela evaporação alli se depositam e que por sua presença constante podem ser, quando não determinante, ao menos causa predisponente de algumas molestias cutaneas, taes como acré, furunculo, lichen, etc.

«Quando não possa ser concedido, como propomos, ao menos que uma vez por semana se lhe dê banhos d'agua doce, pois todos sabem que ella dissolve mais facilmente o sabão, limpa melhor o corpo e não tem acção irritante como a salgada.»

Seria de grande e incontestavel vantagem que no porto fosse obrigatorio á guarnição fazer uso de banhos, porém de agua doce.

Encontramos sob o titulo «Asseio pessoal» na Hygiene

(41) Parecer citado, pag. 10.

(42) Relatorio citado, não impresso.

Naval (43) de Rochard e Bodet, um excellente desenvolvimento sobre o assumpto.

Estamos plenamente convencidos de que tem grande influencia no apparecimento do Beriberi a bordo dos nossos navios, a sua immobilidade nos portos em que se acham, passando se muitos mezes sem que suspendam.

Não é de hoje que assim nos manifestamos; já em 1886, quando embarcados na canhoneira *Lamego*, então fundeada no porto da capital do nosso Estado (Maranhão), tivemos occasião de fazer ver ao Sr. commandante este nosso modo de pensar, e em uma noticia, de que já fizemos allusão neste nosso estudo, sobre o *beriberi* n'aquelle navio, publicada em 1887, na *Gazeta Medica da Bahia* (44), assim diziamos:

« Segundo pensamos, a estada do navio fundeado muitos mezes no porto de algum modo influira no desenvolvimento da molestia, pois estamos certos de que se a *Lamego*, após um, dous, e tres mezes de fundeada, suspendesse e fosse para o porto da cidade de Alcantara, que dista algumas milhas do de S. Luiz, onde tambem não deveria demorar-se mais do que o tempo citado, ou para qualquer dos das provincias visinhas, seria de immensa vantagem. »

Entre as medidas indicadas ao Governo, em Julho de 1889, pela Junta de Saude Naval, a cada passo citada, vemos tambem a que acabamos de emittir.

Em sua maioria (45) diz:

« 1.^a—Mobilisação dos navios da esquadra para o sul do Imperio. »

(43) Hygiene citada, 1895, pags. 635 a 644.

(44) *Gazeta Medica* citada: Anno XIX. Setembro, n. 3, folhas 182.

(45) Parecer citado, fls. 9.

No voto em separado (46):

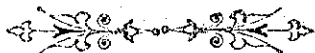
« Alternem os navios em cruzeiros, que não sejam longos. »

Na historia do desenvolvimento de epidemias da molestia em questão, pelo que temos lido, vemos a influencia da agglomeração de individuos em logares insufficientes para accommodal-os, tanto assim que a Junta de Saude Naval, já referida, aconselhou em sua maioria (47): « Reduzir as guarnições que excederem ás lotações marcadas, conservando sómente o numero de praças que fôr necessario »; e em seu voto em separado (48): « Diminuir-se a lotação de alguns, que é excessiva. »

(46) Parecer citado, fls. 17.

(47) Parecer citado, fls. 10.

(48) Parecer citado, fls. 17.



NOTICIARIO

Corpo de Saude Naval

Durante o mez de Janeiro houve o seguinte movimento:

Passou do aviso *Trindade* para o cruzador *Quinze de Novembro* o cirurgião de quarta classe, 1º Tenente, Dr. Lucas Bicalho Hungria, em substituição ao de quinta classe, 2º Tenente, Dr. José Lucio de Souza e Albuquerque, que desembarcou por doente e obteve licença para seu tratamento.

Foi servir na Enfermaria do Arsenal de Marinha de Matto Grosso o Pharmaceutico de terceira classe, 2º Tenente, Luiz Francisco dos Santos.

Embarcou no crusador *Andrada* o cirurgião de quarta classe, 1º Tenente, Dr. Augusto Pereira do Silva Lima, em substituição ao de quinta classe, 2º Tenente, Dr. Raymundo Frazão Cantanhede, que passou para o *Primeiro de Março*.

Embarcou no crusador *Almirante Barroso* o cirurgião de quarta classe, 1º Tenente, Dr. Affonso Henriques de Castro Gomes, em substituição ao de terceira classe, Capitão-Tenente, Dr. Saturnino de Carvalho, que desembarcou por doente.

Passaram do crusador *Almirante Barroso* para o couraçado *Riachuelo* o Pharmaceutico de primeira classe, Capitão-Tenente, José Esteves da França Pinto, e deste couraçado para aquelle crusador o de segunda classe, 1º Tenente, Agenor da Cunha Britto.

Foi concedida a licença para tratamento de saude aos cirurgiões de quinta classe, 2ºs Tenentes, Drs. José Lucio

de Souza e Albuquerque e Carlos de Barros Raja Gabaglia; este desembarcou do brigue *Pirajá*.

Passou do vapor de guerra *Carlos Gomes* para o cruzador *Quinze de Novembro* o cirurgião de quinta classe Dr. Nuno Alvares Rodrigues Baena, em substituição ao de quarta classe, 1º Tenente, Dr. Lucas Bicalho Hungria, que desembarcou por doente.

Durante o mez de Fevereiro houve o seguinte movimento neste corpo:

Foi prorogada a licença para tratamento de saúde ao cirurgião de quinta classe, 2º Tenente, Dr. Henrique Mangeon.

Foi concedida a licença para tratamento de saúde aos cirurgiões de terceira classe, Capitão-Tenente Dr. Saturnino de Carvalho e de quinta classe, 2º Tenente, Dr. Aurelio Veiga.

Reverteu ao serviço activo o Pharmaceutico de quarta classe, Guarda-Marinha, Guilherme Hoffmann Filho, que estava na reserva.

